

U SANTA LEOPOLDINA Um paraíso ecológico

A109820

José Luiz Holzmeister

Como ocorre com o destino das pessoas humanas, há fenômenos que se ligam às cidades. Há as que nascem com destino de serem grandes, imensas, cheias de progresso, e há aquelas que nascem com o destino de serem apenas encantadoras, repletas de belezas naturais, mas cujo destino foi parar no tempo e no espaço.

Uma minúscula cidade interiorana do Espírito Santo teve esse destino. Visitando-a, sente-se que o Criador, ao idealizar o Paraíso Terrestre, o falado Édem, onde iria colocar Adão e Eva, a árvore de pomos dourados e a Serpente, guardou um pedacinho dessa sua obra divina e com ele adotou uma modesta cidadezinha perdida entre a mata agreste, no meio de uma cadeia de montanhas e aos pés de um pequeno rio cheio de poesia, e ali colocou aquele pedacinho de Paraíso. Assim nasceu Santa Leopoldina.

Não se trata de poesia romântica dos tempos de Casimiro de Abreu, nem da era lírica de Olavo Bilac, embora tenha de ambos um pouco do romantismo do autor de *Meus Oito Anos*, misturado com uma dose maior do lirismo do esteta de Ouvir Estrelas. Ela é, de fato, uma cidade cheia de belezas, onde trespica o aroma da baunilha e ouve-se o canto mais ameno dos pássaros, os acordes mais sonoros do seu rio descendo das serranias, compondo em seu rumorejar canções de amor ao encontro da muralha encantadora do seu Funil e a música solene que desce dos montes que a circundam, na voz de suas perobeiras e dos seus jequitibás frondosos.

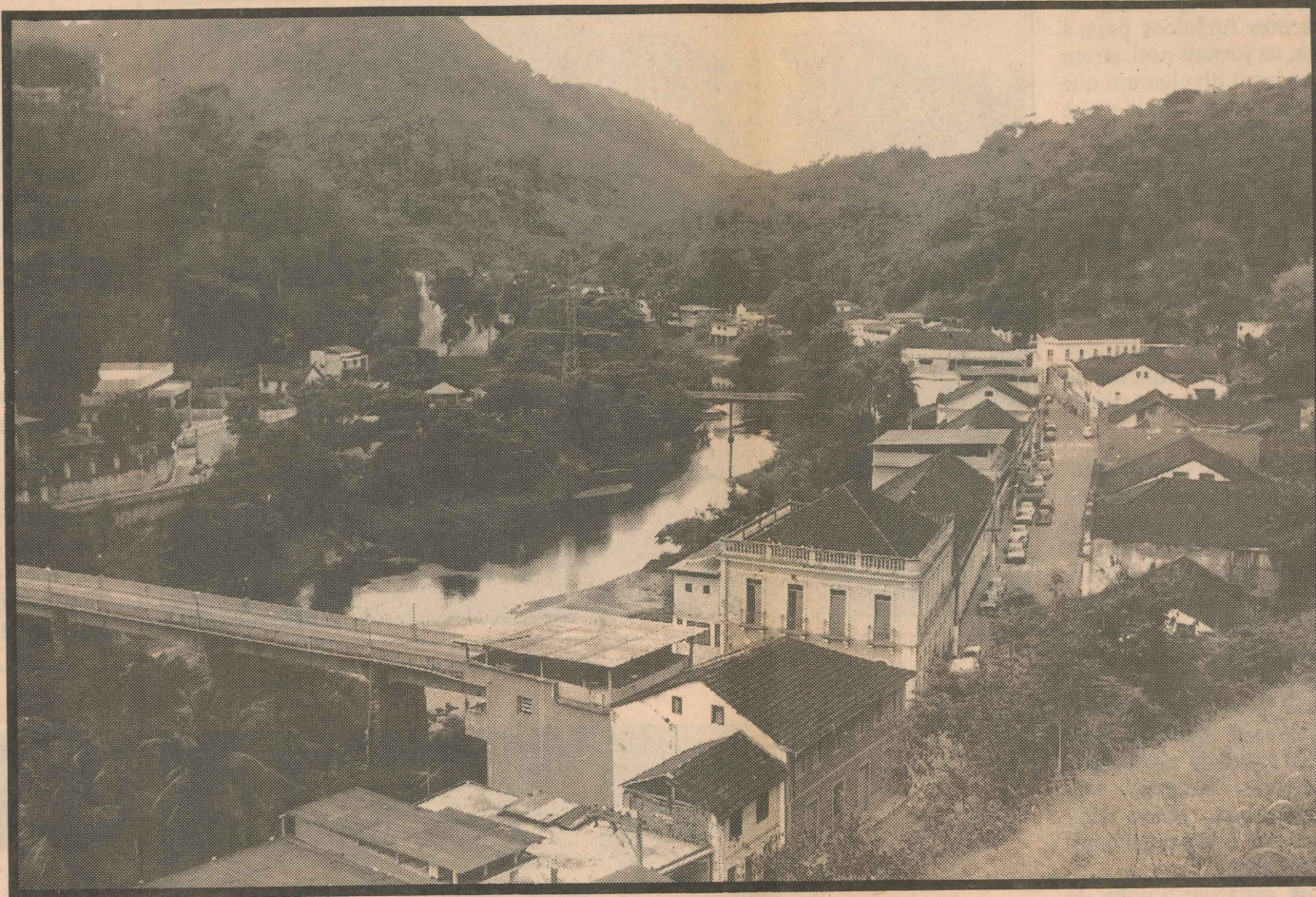
Perto mas longe do progresso

Esse pedaço bonito do paraíso não está tão distante, nem escondido, nem se trata de uma lenda. Santa Leopoldina existe, e lá se encontra virgem como quando o Criador a idealizou, com a mesma poesia do cântico dos seus pássaros e o sussurro cantante das águas do seu Santa Maria, Crubixá e Una.

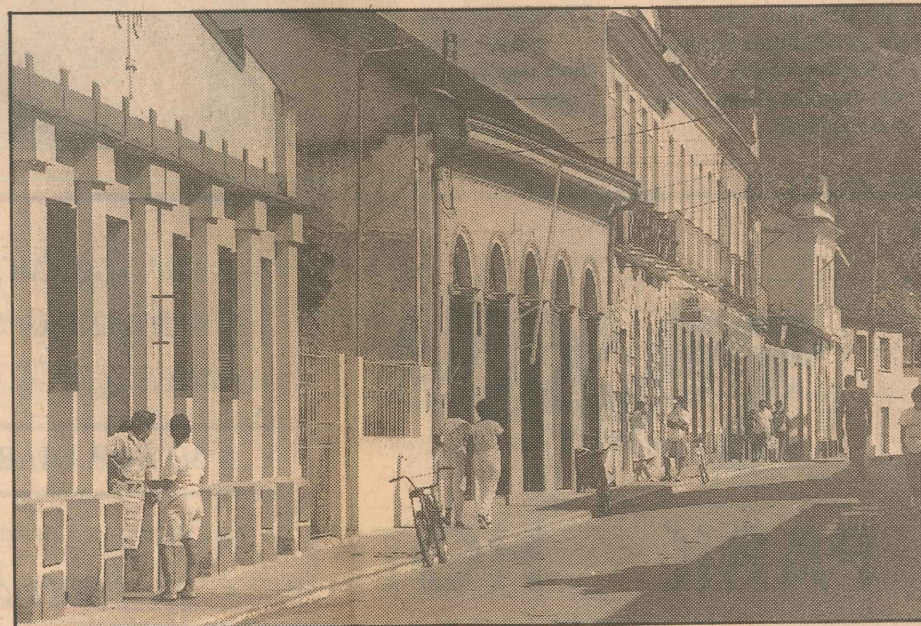
Ela se encontra a 46 quilômetros de Vitória, por estrada asfaltada de boa qualificação, portanto a menos de uma hora de viagem. Depois de se passar os umbrais dinâmicos da sede de Cariacica, um dos mais aguerridos municípios industriais do Espírito Santo, já ao longe o visitante vai se deparando com a beleza da paisagem. À sua direita, lento às vezes, encachoeirado outras, vai descendo o rio Santa Maria, para os seus espousais

pano de fundo de um cenário que poderia se dizer dos deuses. Nos meses frios, como o que atravessamos, eles se cobrem de uma densa neblina que só a violência dos raios solares os atravessam. E assim, de emoção em emoção, vai-se aproximando da cidade que o Criador, num dia de bondosas dádivas, concedeu aos capixabas, para ser o seu ponto máximo do turismo.

Pena que o homem, tão afeito às belezas da natureza, não tenha se apercebido do presente celestial, para ali colocar algo que necessitava. Ela, que deu a força telúrica dos seus mananciais para criar hidrelétricas, não teve a benesse de receber uma indústria, um hotel de categoria e muito menos restaurantes, casas de diversões e outros atributos de que as cida-



O rio Santa Maria e os montes que o circundam fazem de Santa Leopoldina a cidade mais lírica do Estado



Se a aproximação de Santa Leopoldina é um encanto, vendo-se à distância as serranias que lhe fazem pano de fundo, tendo à esquerda os montes verdejantes e à direita, correndo em cantatas, o Santa Maria, a chegada à cidade é uma festa. Logo de início, circunspecto, o edifício da Prefeitura, e a seguir uma carreira de pequenos prédios, a maioria deles térreos de um lado e, do outro, paralela ao rio que desce, uma aléia de árvores de porte médio, embelezando o cenário. Como se musas em filas aguardassem assim o visitante.

Mais alguns metros, uma ponte estreita atravessa um minúsculo arroio que é liricamente chamado de Crubixá, e que vai se entregar aos carinhos do Santa Maria, que o recebe como um presente dos céus. Daí para a frente, se tudo já era encantamento, vai se transformando em deslumbramento e poesia. Se o visitante entra à esquerda da primeira rua, vai acompanhando o leito do Crubixá até o austero Campo Santa da Cidade, sempre bem-cuidado, onde estão os mausoléus dos pioneiros da região. Ali se vêem sempre lápides com sobrenomes de origem européia, em sua maior parte de alemães, suíços e austríacos. Uma reverência bonita a quem tanto fez pelo progresso da cidade.

Se ao invés de virar à esquerda, prosseguir, o visitante vai encontrar uma muralha extensa de bonitos sobradões centenários, muito bem-cuidados, que lembram as construções coloniais do Século passado, alguns do mais puro estilo europeu, como o que sedia o Museu do Imigrante. Uma visita a esse solar dá a nítida imagem de co-

mo o europeu não esqueceu sua terra natal, cercado do conforto muito comum dos homens que sempre tiveram no trabalho a meta de suas existências.

Duas pontes, uma só para pedestres e outra para pedestres e veículos, atravessam o rio Santa Maria, dividindo a cidade na parte comercial e na de lazer. Se do lado esquerdo fica o que restou do passado, lembrando seu progresso de algumas dezenas de anos anteriores, quando Santa Leopoldina viveu o ápice de sua carreira, do outro lado fica a parte lírica da cidade. Um belo jardim, com canteiros repletos de flores, muito bem-cuidado, onde sonham com o futuro cor-de-rosa os românticos pares de namorados, olhando à frente as águas sempre rumorejantes do seu rio.

É de uma eterna poesia a beleza desse jardim minúsculo, que faz o visitante acreditar e viver como se estivesse num recanto dos deuses. O Olimpo, por certo, foi plagiado. Ele é um verdadeiro Jardim das Espérides.

Ao seu lado, sobe íngreme, em curvas sinuosas, a rodovia que liga Santa Leopoldina a Santa Teresa, como se por ela os filhos da velha Alemanha estivessem abraçando os filhos da encantadora Itália. É bom que fique na memória de todos os leitores que essa foi a primeira rodovia aberta no Estado para a passagem solene dos caminhões a óleo Saures, de pneus maciços, que chegaram à cidade em canoas casadas (duas presas uma a outra), para o transporte do café do resto da região para o porto de Vitória. As velhas canoas levavam na volta os produtos manufaturados vindos da Europa.

Um lembrete

Em Santa Leopoldina existe uma boa Pousada, que é denominada de Morro da Malha, em homenagem a um dos pontos mais bonitos da cidade. Ela fica bem em frente à entrada da ponte maior. No prédio, funcionou por muitos anos o melhor clube social da cidade.

E terá, ainda, uma infinidade de opções, como subir a encantadora capelinha que fica na parte alta da cidade, de onde se assiste a todo o cenário da cidade, como ir ainda à Malha ou ao Funil, onde o rio Santa Maria mergulha

rante lá perto da ponte. Um que cenário daria para uma novela.

Daí para cima, tudo é deslumbramento. Uma rodovia de belas curvas, bastante íngreme, com quadros que jamais serão esquecidos, ouvindo adiante já o rumor das cachoeiras. É a da Fumaça que sempre foi o cartão postal da cidade, mas que perdeu sua capacidade turística com a construção das barragens de Suíça e de Rio Bonito, já bem no alto, nas divisas com o município de Santa Maria de Jetibá. É um passeio que poderá se repetir

Um paraíso ecológico

AJ09820

José Luiz Holzmeister

Como ocorre com o destino das pessoas humanas, há fenômenos que se ligam às cidades. Há as que nascem com destino de serem grandes, imensas, cheias de progresso, e há aquelas que nascem com o destino de serem apenas encantadoras, repletas de belezas naturais, mas cujo destino foi parar no tempo e no espaço.

Uma minúscula cidade interiorana do Espírito Santo teve esse destino. Visitando-a, sente-se que o Criador, ao idealizar o Paraíso Terrestre, o falado Édem, onde iria colocar Adão e Eva, a árvore de pomos dourados e a Serpente, guardou um pedacinho dessa sua obra divina e com ele adotou uma modesta cidadezinha perdida entre a mata agreste, no meio de uma cadeia de montanhas e aos pés de um pequeno rio cheio de poesia, e ali colocou aquele pedacinho de Paraíso. Assim nasceu Santa Leopoldina.

Não se trata de poesia romântica dos tempos de Casimiro de Abreu, nem da era lírica de Olavo Bilac, embora tenha de ambos um pouco do romantismo do autor de **Meus Oito Anos**, misturado com uma dose maior do lirismo do esteta de Ouvir Estrelas. Ela é, de fato, uma cidade cheia de belezas, onde rescala o aroma da baunilha e ouve-se o canto mais ameno dos pássaros, os acordes mais sonoros do seu rio descendo das serranias, compondo em seu rumorejar canções de amor ao encontro da muralha encantadora do seu Funil e a música solene que desce dos montes que a circundam, na voz de suas perobeiras e dos seus jequitibás frondosos.

Perto mas longe do progresso

Esse pedaço bonito do paraíso não está tão distante, nem escondido, nem se trata de uma lenda. Santa Leopoldina existe, e lá se encontra virgem como quando o Criador a idealizou, com a mesma poesia do cântico dos seus pássaros e o sussurro cantante das águas do seu Santa Maria, Crubixá e Una.

Ela se encontra a 46 quilômetros de Vitória, por estrada asfaltada de boa qualificação, portanto a menos de uma hora de viagem. Depois de se passar os umbrais dinâmicos da sede de Cariacica, um dos mais aguerridos municípios industriais do Espírito Santo, já ao longe o visitante vai se deparando com a beleza da paisagem. À sua direita, lento às vezes, encachoeirado outras, vai descendo o rio Santa Maria, para os seus esponsais com o mar.

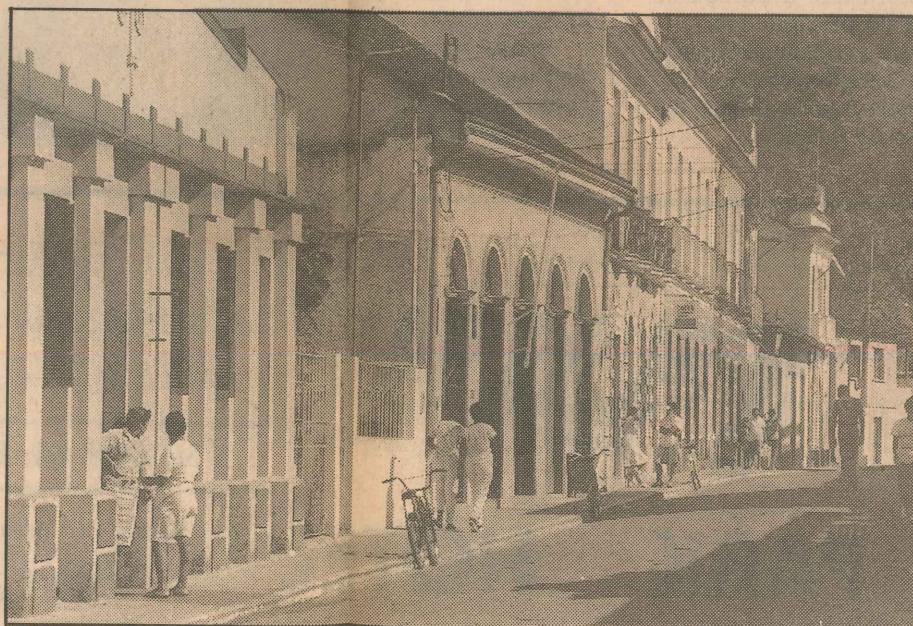
A serra vai tomando o aspecto de

pano de fundo de um cenário que poderia se dizer dos deuses. Nos meses frios, como o que atravessamos, eles se cobrem de uma densa neblina que só a violência dos raios solares os atravessam. E assim, de emoção em emoção, vai-se aproximando da cidade que o Criador, num dia de bondosas dádivas, concedeu aos capixabas, para ser o seu ponto máximo do turismo.

Pena que o homem, tão afeito às belezas da natureza, não tenha se apercebido do presente celestial, para ali colocar algo que necessitava. Ela, que deu a força telúrica dos seus mananciais para criar hidrelétricas, não teve a benesse de receber uma indústria, um hotel de categoria e muito menos restaurantes, casas de diversões e outros atributos de que as cidades turísticas recebem. Teria sido para não quebrar a virgindade da cidade?



O rio Santa Maria e os montes que o circundam fazem de Santa Leopoldina a cidade mais lírica do Estado



Os sobradões centenários que tornaram Santa Leopoldina o maior celeiro comercial do Espírito Santo

Se a aproximação de Santa Leopoldina é um encanto, vindo-se à distância as serranias que lhe fazem pano de fundo, tendo à esquerda os montes verdejantes e à direita, correndo em cantatas, o Santa Maria, a chegada à cidade é uma festa. Logo de início, circunspeto, o edifício da Prefeitura, e a seguir uma carreira de pequenos prédios, a maioria deles térreos de um lado e, do outro, paralela ao rio que desce, uma aléia de árvores de porte médio, embelezando o cenário. Como se musas em filas aguardassem assim o visitante.

Mais alguns metros, uma ponte estreita atravessa um minúsculo arroio que é líricamente chamado de Crubixá, e que vai se entregar aos carinhos do Santa Maria, que o recebe como um presente dos céus. Daí para a frente, se tudo já era encantamento, vai se transformando em deslumbramento e poesia. Se o visitante entra à esquerda da primeira rua, vai acompanhando o leito do Crubixá até o austero Campo Santa da Cidade, sempre bem-cuidado, onde estão os mausoléus dos pioneiros da região. Ali se vêem sempre lápides com sobrenomes de origem européia, em sua maior parte de alemães, suíços e austríacos. Uma reverência bonita a quem tanto fez pelo progresso da cidade.

Se ao invés de virar à esquerda, prosseguir, o visitante vai encontrar uma muralha extensa de bonitos sobradões centenários, muito bem-cuidados, que lembram as construções coloniais do Século passado, alguns do mais puro estilo europeu, como o que sedia o Museu do Imigrante. Uma visita a esse solar dá a nítida imagem de co-

mo o europeu não esqueceu sua terra natal, cercado do conforto muito comum dos homens que sempre tiveram no trabalho a meta de suas existências.

Duas pontes, uma só para pedestres e outra para pedestres e veículos, atravessam o rio Santa Maria, dividindo a cidade na parte comercial e na de lazer. Se do lado esquerdo fica o que restou do passado, lembrando seu progresso de algumas dezenas de anos anteriores, quando Santa Leopoldina viveu o ápice de sua carreira, do outro lado fica a parte lírica da cidade. Um belo jardim, com canteiros repletos de flores, muito bem-cuidado, onde sonham com o futuro cor-de-rosa os românticos pares de namorados, olhando à frente as águas sempre rumorejantes do seu rio.

É de uma eterna poesia a beleza desse jardim minúsculo, que faz o visitante acreditar e viver como se estivesse num recanto dos deuses. O Olimpo, por certo, foi plagiado. Ele é um verdadeiro Jardim das Espérides.

Ao seu lado, sobe íngreme, em curvas sinuosas, a rodovia que liga Santa Leopoldina a Santa Teresa, como se por ela os filhos da velha Alemanha estivessem abraçando os filhos da encantadora Itália. É bom que fique na memória de todos os leitores que essa foi a primeira rodovia aberta no Estado para a passagem solene dos caminhões a óleo Saures, de pneus maciços, que chegaram à cidade em canoas casadas (duas presas uma a outra), para o transporte do café do resto da região para o porto de Vitória. As velhas canoas levavam na volta os produtos manufaturados vindos da Europa.

Um lembrete

Em Santa Leopoldina existe uma boa Pousada, que é denominada de Morro da Malha, em homenagem a um dos pontos mais bonitos da cidade. Ela fica bem em frente à entrada da ponte maior. No prédio, funcionou por muitos anos o melhor clube social da cidade.

E terá, ainda, uma infinidade de opções, como subir a encantadora capelinha que fica na parte alta da cidade, de onde se assiste a todo o cenário da cidade, como ir ainda à Malha ou ao Funil, onde o rio Santa Maria mergulha por quase um quilômetro em pedreiras, para aparecer murmu-

rante lá perto da ponte. Um cenário daria para uma novela.

Daí para cima, tudo é deslumbramento. Uma rodovia de belas curvas, bastante íngreme, com quadros que jamais serão esquecidos, ouvindo adiante já o rumor das cachoeiras. É a da Fumaça que sempre foi o cartão postal da cidade, mas que perdeu sua capacidade turística com a construção das barragens de Suíssa e de Rio Bonito, já bem no alto, nas divisas com o município de Santa Maria de Jetibá. É um passeio que poderá se repetir por muitas vezes, pela dezenas de atrações que oferece.